

Maio 2004 n.º 02

INFOMAIL

MONTEMOR | O | NOVO

Boletim Municipal



MONTEMOR O NOVO - Boletim Municipal

*Edição Especial
30 Anos da Revolução de Abril*

" De tudo o que Abril abriu
ainda pouco se disse
e só nos faltava agora
que este Abril não se cumprisse."

Áry dos Santos

1º de Maio
poder local
justiça social
reforma agrária
democracia
um poder local democrático
um país mais livre, mais justo e mais fraterno
25 de Abril sempre
a poesia está na rua
"mudam-se os tempos
mudam-se as vontades"
"a grande verdade é que os tempos mudam-se"
vitória
revolução
independência nacional
fim da guerra colonial
25 de Abril
viva o MFA
liberdade
"grandola, via morena
terra da fraternidade"
"viva o povo - viva o povo - viva o povo"
"a paz é pelo amor, fraternidade, liberdade, educação"
"o povo unido jamais será vencido"

Abril Caminhos de Liberdade, Justiça e Futuro em Montemor



MONTEMOR O NOVO - Câmara Municipal

30 anos de Abril Liberdade

É preciso acreditar

"Esta é a madrugada que eu esperava. O dia inicial inteiro e limpo..." (*)

Madrugada do dia 25 de Abril de 1974, de uma Primavera ansiosa que trazia consigo a promessa de outros dias, novos e claros. Do silêncio da noite, irrompia nos microfones da rádio "Grândola Vila Morena", o canto do poeta maldito, que ninguém ousava livremente cantar. A senha para a liberdade marcada pelas palavras de José Niza no "Depois do Adeus" era lançada e depois, depois já nada seria como dantes. Foi a partir daí que como disse Sophia de Mello Breyner "... emergimos da noite e do silêncio".

E quando o dia clareou e um País despertou estremunhado, como quem acorda de um sono profundo, os capitães que sonhavam a liberdade estavam na rua. E ninguém parecia acreditar que aquele dia, não era apenas mais um dia. Era diferente, puro, feito de emoções que trespassavam os corações, que libertavam o ar que sufocava e oprimia. E num rompante, os cravos rubros irromperam nos canos da espingarda e uma multidão saiu para a rua. Momento mágico, feito de lágrimas e sorrisos, em que estranhos se abraçavam como sempre se tivessem conhecido, se davam as mãos e se gritava que o "povo unido jamais será vencido". Nascia a revolução nos corações dos homens!

Depois desse dia, inesquecível, seguiram-se outros tão intensos e tão diferentes. O País parou e viveu como nunca tinha vivido, ao rubro todas as emoções que lhe eram permitidas. E veio Maio, o 1º dia, em que "Uma gaviota voava, voava, asas de vento, coração de mar...", cantada em uníssono de Norte a Sul de Portugal, num coro inédito.

Um povo tomava finalmente nas mãos as rédeas do seu destino. Os filhos regressavam aos pais, finalmente libertos da guerra, abriam-se as portas das prisões, faziam-se promessas. Exorcizavam-se os fantasmas da ditadura. A paz, o pão, habitação, saúde e educação para todos, eram agora promessas reais. Nascia o Poder Local Democrático que haveria de dar a legitimidade às populações de gerirem as suas próprias terras. E foi-se começando a construir um País, que se queria diferente e novo.

O Alentejo sonhava o sonho da "terra a quem a trabalha", construiu caminhos de liberdade e de esperança. Aqui nesta terra, Abril teve o sabor doce da conquista. Aqui nesta terra, de tantos e de tão poucos, Abril foi para valer. Da planície se levantou todo um povo, de peito aberto pronto para lutar. E lutou, como sempre o tinha feito, e resistiu mesmo quando acreditava que nunca mais o teria de fazer. Mas não desistiu, que a alma alentejana é temperada com o fogo e com o aço.

E os anos foram passando e a magia desse tempo foi-se desvanecendo. Lentamente como quem acorda de um sonho percebemos que temos liberdade para falar, para escrever, para dizer, para aprender, para reivindicar, para escolher, para reunir... mas, parece que de novo silenciosamente se erguem muros que nos impedem de lembrar esse dia inicial inteiro e limpo. Mas a esperança permanece intacta, naqueles que acreditam que Abril está vivo hoje e sempre, nas gerações de ontem e nas de amanhã. Que a semente da liberdade pode de novo florir, em qualquer esquina, num qualquer momento. É preciso acreditar que quando um povo quer ele pode. É preciso acreditar hoje e sempre!

(*) Sophia de Mello Breyner



▶ Diferentes olhares sobre Abril

▶ O olhar da imprensa local pelo 25 de Abril

As primeiras edições do jornal "O Montemorense" publicadas após o 25 de Abril de 1974. Livre da chancela da censura, o jornal publicava as notícias relativas aos principais acontecimentos da Revolução de Abril e dava conta das repercussões que ela teve em Montemor-o-Novo.



▶ Edição de 4 de Maio do jornal "O Montemorense"



▶ Edição de 25 de Maio do jornal "O Montemorense"



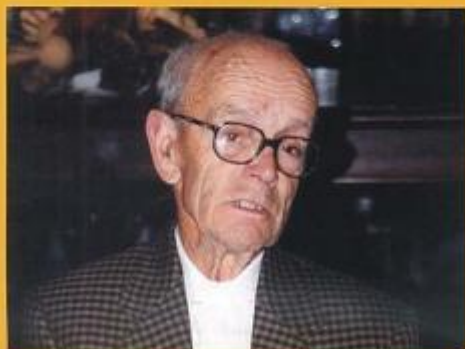
▶ Edição de 11 de Maio do jornal "O Montemorense"

▶ A Liberdade saiu à rua num dia assim...



▶ Celebrações do 25 de Abril de 1974

Antifascistas: Lutar, resistir e vencer



João Joaquim Machado

João Joaquim Machado nasceu a 14 de Setembro de 1921, no Monte da Amada - S. Mateus, concelho de Montemor-o-Novo. Filia-se no Partido Comunista Português em 1943. Faz parte do primeiro Comité Local de Montemor-o-Novo conjuntamente com Joaquim Badalinho, Germano Vidgal, António Marques entre outros. A sua primeira prisão ocorreu aquando das lutas por melhores salários em Montemor-o-Novo. Foi enviado para Caxias tendo sido libertado em Outubro de 1945. Volta a ser preso em Agosto de 1947 tendo sido libertado 4 meses depois. Na sequência da seu envolvimento na campanha eleitoral da Oposição Democrática é de novo detido em Maio de 1949.

► As portas que Abril abriu, trouxeram frutos que nos deliciaram. Liberdade, desenvolvimento, democracia são algumas das conquistas que, ano após ano, celebramos.

Após 48 anos enclausurados numa ditadura que nos asfixiava a alma, onde o pão nosso de cada dia era a miséria, a fome, a perseguição política, a falta de liberdade de expressão, surge uma manhã de Abril repleta de esperança. O povo sai à rua aos milhares e, aproveitando a liberdade conquistada, comemora a democracia mas também começa a lutar e a reivindicar os seus mais que merecidos direitos. 30 anos passados da revolução continuam actuais as palavras de Sérgio Godinho (Liberdade, 1974):

*"Só há liberdade a sério quando houver
o paz, o pão,
Motivação, saúde, educação
só há liberdade a sério quando houver
liberdade de pensar e decidir,
quando pertencer ao povo o que o
povo produz".*

Passa pelas prisões de Pisões, do Aljube, Caxias, Peniche e Setúbal. É brutalmente espancado e torturado. Volta a ser libertado em Novembro de 1951. Aquando da campanha eleitoral de Humberto Delgado é de novo preso e libertado 4 meses depois. Abandona o concelho e passa a uma situação de semi-clandestinidade desenvolvendo actividade partidária noutros pontos do Alentejo. É preso de novo em Maio de 1962 e é levado para Caxias. A tortura e os espancamentos durante 20 dias consecutivos seguindo-se-lhes 6 meses de incomunicabilidade. É julgado em Janeiro de 1963 e condenado a 2 anos e meio de prisão e medidas de segurança. É transferido para a prisão do Peniche onde permanece até Fevereiro de 1968. Depois de libertado prossegue a sua luta pela Democracia até ao 25 de Abril de 1974.

Em 25 Abril de 2000 é distinguido pela Câmara Municipal de Montemor com a Medalha de Honra "Liberdade, Progresso e Justiça Social".

Os quase 83 anos demonstram ainda uma lucidez espantosa, neste homem de corpo franzino não deixando transparecer o testemunho de coragem, resistência e luta que foi a sua vida durante a ditadura. Não enjeita recordar momentos de uma violência extrema. Percebe-se nele a força e a determinação de quem sempre lutou pelos outros, por melhores condições de vida e pela dignidade do ser humano.

Esta sua forma de estar na vida começou muito cedo, por influência do seu avô republicano, um apoiante da União Soviética e dos países progressistas que condenava o regime salazarista. Admira a Revolução de Outubro na Rússia e as dificuldades vividas no seio familiar apuram o seu sentido de justiça. "Tinha eu para aí uns dez ou doze anos, quando



► A partir da revolução dos cravos o povo alcançou o direito de se expressar livremente, e lutar pelos seus direitos



► Uma das consequências do 25 de Abril foi a Reforma Agrária, com ela o desemprego desapareceu pela primeira vez em Montemor-o-Novo



Diferentes olhares sobre Abril

uma mulher esteve lá em casa e se queixou à minha mãe, porque os filhos trabalhavam de sol a sol, e não tinham nada para comer, passavam fome. Revoltou-me isso, perguntava porque que é que havia tanta miséria, tanta gente com fome. Começou a ser uma realidade que eu não podia esquecer". Mais tarde, esta sua maneira de estar e de ser chamou a atenção da organização em Montemor do PCP que começou a ponderar a hipótese de o integrar nas suas fileiras. João Machado recorda que "era muito novo na altura, e que havia algum receio de eu poder falar onde não podia, ser preso e não aguentar a prisão e falar. Mas acabei por entrar para o Partido tinha 20 para 21 anos e comecei logo a desenvolver actividade". Começava aí uma vida de luta antifascista, onde todos os cidadãos eram poucos. "Era tudo feito com muita precaução ao mais pequeno deslize podíamos ser presos ou contribuir para que outros o fossem. Reuníamos sempre em casa de camaradas com muito cuidado, com muita vigilância para que ninguém se aproximasse de lá. O 1.º funcionário do Partido que eu conheci em Montemor-o-Novo foi o António Dias Lourenço que sempre nos apoiou muito nas nossas lutas em Montemor" afirma. Lembra as primeiras grandes lutas no concelho. "Foi em 1945, os trabalhadores não tinham pão para comer, havia pouco para comprar, houve uma grande manifestação em Montemor-o-Novo por melhores salários. Foi nessa altura que Germano Vidigal que pertencia ao Comité Local foi preso e espancado até à morte. Eu também fui preso."

Aprender a vencer o medo

Numa luta em que a vida e a morte andavam a par e passo, onde o inimigo espreitava em cada esquina o espectro do medo era real. "Todos

tinhamos medo. Havia era que aprender a vencê-lo. Só vencendo-o era possível continuar a lutar. O nosso receio era mais pela vida das nossas famílias do que pela nossa própria vida. Mas mesmo que fosse por nós próprios, até se compreendia, porque a família dependia de nós. Mas havia sempre a esperança da mudança. E de cada vez que havia prisões e mortes o sentimento que prevalecia não era o medo, mas sim a revolta que nos dava ainda mais força". É aqui que se começa a entender melhor a força deste pequeno-grande homem que o fez aguentar 10 anos nas cadeias portuguesas, que viveu "sempre com preocupação por mim e pelos meus. Não pude estar ao pé da minha filha desde a idade dos 5 até aos 12. Houve um ano em que vivi na semi-clandestinidade. E era uma vida muito dura, ter de me esconder da minha própria filha. Vê-la sempre escondido para que ela não me visse." Recorda um episódio "uma vez a Polícia foi a casa do meu irmão pensando que eu estava lá escondido. Dispararam tiros contra a porta sem terem sequer avisado quem eram, não mataram ninguém por um mero acaso. Vasculharam tudo e até no meio de uma seara me procuraram de espingarda em riste como quem procura um coelho. Mas não me acharam".

João Machado viveu na semi-clandestinidade o que implicava condições de vida muito duras. Começou a trabalhar para o Partido no distrito de Portalegre, Estremoz, Vila Viçosa e Avis foram alguns dos locais por onde passou. Palmilhou quilómetros e quilómetros sempre a pé, por veredas e caminhos que poucos conheciam, outras vezes lado a lado com a linha do comboio. Mas o fantasma da prisão estava muito próximo e João Machado é preso de novo. "Passei por coisas na PIDE terríveis. Podia ter morrido. Espancamentos durante horas intermináveis, 21

À conquista do futuro

E pelas portas que Abril abriu, Montemor-o-Novo ocupa o poder local fascista e escolhe os seus primeiros representantes democráticos. Deram-se então os primeiros passos na resolução das carências básicas (água, esgotos, electricidade, ruas e caminhos, saúde, etc.) herdadas do fascismo.

Na actualidade, novos desafios se levantam, novas metas se pretendem atingir. Montemor continua a provar que não está estagnado no tempo. Evoca-se o trabalho feito no passado, olhamos o presente e continuamos "ao encontro das cidades futuras".



→ Ao longo dos anos Montemor-o-Novo cresceu e desenvolveu-se



Município de Montemor-o-Novo

dias de tortura do sono". Questionamos onde se vai buscar a força para aguentar o sofrimento nessas alturas inimagináveis para nós, a resposta surge simples e clara "Eu não podia denunciar de modo algum pessoas. Para falar a verdade tinha que denunciar. Para mim era preferível a morte à traição." Relata-nos então um episódio que atesta a coação psicológica que a PIDE fazia sobre os presos. "Vendo que eu não falava começaram-me a dizer: Vamos pô-lo na rua, vamos consigo a Montemor e numa rua principal despedimo-nos de si, com uma palmadinha nas costas e dizemos de modo a que se ouça "Bom trabalho por cá". Depois começamos a fazer prisões e o povo vai acreditar que você traiu e alguém lhe põe um tiro na cabeça. Eu só respondi: Isso nunca. Antes a honra que a traição!". No meio do sofrimento, às vezes atroz, vai buscar força à memória para resistir, como a da bebé Mariana, filha de um casal que o havia acolhido em sua casa. João Machado recorda que quando estava a ser torturado lhe vinha ao pensamento a canção "Os olhos da Marianita" para se não esquecer da bebé, pois se naquela altura falasse sabia que os seus pais seriam presos. E é a imagem daquela criança que lhe dá a força da resistência.

A mesma capacidade de luta e resistência

Quando acontece o 25 de Abril, João Machado estava em Montemor a trabalhar numa pequena empresa familiar. "Foi uma grande alegria por saber que o nosso povo estava a ser libertado. Apesar de já o pressentir pois nós no partido sabíamos que havia uma oposição na organização militar que já tinha uma certa força". Lamenta no entanto que os agentes da PIDE não tivessem sido castigados, e os que foram presos na altura tivessem escapado. "Os criminosos deviam ter sido

punidos e julgados em Tribunal. Lembro-me que a PIDE dizia no tempo da ditadura que não eram como nós, que quem o seu inimigo perdoa nas suas mãos lhe morre. O ideal comunista não é um ideal para fazer mal a ninguém mas lamentamos que os criminosos não tivessem sido responsabilizados".

Trinta anos após o 25 de Abril João Machado olha hoje para Portugal com algum desencanto. Os trabalhadores continuam a sofrer "os partidos de direita aparecem a apregoar a liberdade e a democracia, mas estão sempre do lado do capital e o grande capital nunca é democrático. Os trabalhadores não têm direito a nada e os capitalistas têm direito a tudo", afirma. Classifica a situação actual portuguesa como "muitíssimo perigosa, não sei mesmo se não haverá no futuro uma outra revolução, mais violenta. O mundo é constituído por momentos bons e maus". Se assim for não duvida que vai haver a mesma capacidade de luta e resistência como a que ele teve, ele e muitos outros. Acredita, ao contrário de muitos que serão os jovens a lutar por melhores dias. "São as leis da História", diz sempre com os olhos postos na esperança, a mesma que nunca o abandonou ao longo da sua vida.

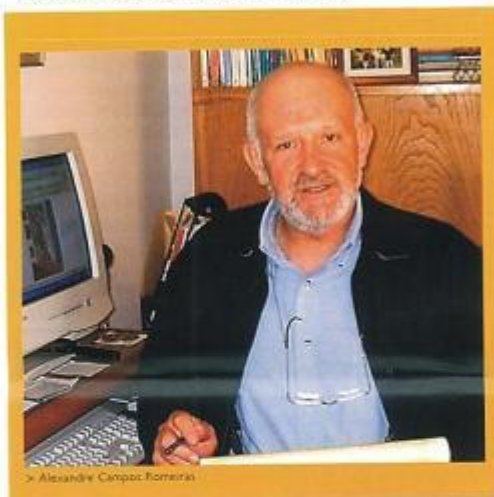


> Saneamento básico nas freguesias rurais (Fazendas do Corisco)



Diferentes olhares sobre Abril

Revolução de Abril: A alegria, a força e a vontade dos montemorenses



× Alexandre Campos Romeiras

Alexandre Campos Romeiras tem 56 anos e vive actualmente em Lisboa. Participou nas lutas académicas de 1968, tendo-se formado em Engenharia Electrotécnica em 1971. Foi assistente e professor no Instituto Superior Técnico e na Academia Militar. Participou nas operações do 25 de Abril e nas campanhas de dinamização cultural. Foi o presidente da primeira Comissão Administrativa na Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, após o 25 de Abril de 1974. Foi Engenheiro de Telecomunicações nos CTT e gestor de vários projectos na Portugal Telecom. Foi consultor da ONU em projectos de desenvolvimento de telecomunicações na Europa e na Guiné-Bissau, durante 5 anos.

Alexandre Romeiras foi presidente da 1ª Comissão Administrativa na Câmara Municipal logo após a Revolução de Abril. O cenário que encontrou foi como afirma o de "uma Câmara Municipal fascista, fechada à população, sem iniciativa, sem projectos, com um financiamento inteiramente dependente do Estado, muitos funcionários desmotivados e que desempenhava um papel de colaboração com a PIDE, repressivo das lutas de desempregados, controlador de iniciativas culturais". Refere como único factor

positivo "o baixo nível de encargos financeiros" que aliás associa ao marasmo em que se vivia.

À semelhança do que sucedia por todo o País o concelho de Montemor-o-Novo deparava-se com problemas gravíssimos. Segundo Alexandre Romeiras era um quadro negro "com esgotos sem tratamento, poças nas aldeias, água inquinada, sem estradas rurais, raras estruturas de apoio social, uma taxa de analfabetismo entre os 40 e os 50%, escolas em ruínas, alguns cemitérios esgotados, um parque habitacional degradado, insuficiente, com algumas situações dignas da Idade Média". Eram tantos os problemas que a primeira equipa adoptou um estilo de trabalho colectivo com pelouros pouco marcados e com um ritmo de trabalho "sem sono". "Realizámos uma onda de plenários com a população em todas as sedes de freguesia e muitos lugares, muitos deles à luz do petróleo, com participação generalizada, todos queriam exprimir as suas necessidades e aspirações" afirma. "A vontade de mudar era gigantesca, a experiência da libertação era intensa para todos - o fim da PIDE, o fim da guerra, a televisão aberta e cheia de novidades todos os dias, a dinamização cultural, o regresso de muitos emigrantes".

Abriu a Câmara Municipal à população

Entre o muito trabalho a ser feito, uma das primeiras medidas que a Comissão Administrativa tomou foi, como refere Alexandre Romeiras "abrir a Câmara Municipal à população e estabelecer canais de comunicação - plenários, sessões de Câmara com períodos de intervenções da assistência, comunicados mensais, horário de contactos pessoais". No que diz respeito às infra-estruturas "reunimos com os organismos do Estado que podiam disponibilizar verbas, executámos as primeiras obras e a elaboração de projectos e a nível de segurança, criámos uma forte ligação com o M.F.A. (EP de Artilharia) com contactos frequentes, sobretudo para fazer frente a provocações que ocorreram em Montemor". Recorda ainda a convocação da primeira reunião inter-câmaras do distrito para Montemor, o inventário das casas devolutas para arrendamento arbitrado pela Câmara Municipal, a reorganização dos serviços da autarquia e o aumento do salário dos funcionários. Outra das medidas foi o lançamento do primeiro recenseamento eleitoral, que deu 15.400 eleitores, mais 35% que a previsão do INE, sinal de que os montemorenses regressavam à sua terra!

Em relação aos projectos que foram iniciados, Alexandre Romeiras refere "as estradas Lavre-Ciborro, Baldios/Barrancão, Escoural - S. Cristóvão e vários caminhos municipais, a pavimentação de numerosas ruas, a construção de sanitários públicos, lavadouros, de blocos de



MONTEMOR-O-NOVO

habitação para os funcionários da Câmara, com renda social, a reparação e o aquecimento das escolas, os loteamentos de habitação em Cortiçadas de Lavre e Montemor" e ainda "as electrificações, as captações de água (Montemor quase não tinha água em 1974), as estações de tratamento e as redes de esgotos". Logo em Agosto de 74, a Comissão Administrativa abriu o projecto da Barragem dos Minutos que defenderia em várias reuniões com o Governo, tendo o projecto chegado a estar orçamentado pelo Estado em 1975.

A vontade de mudar e construir dos montemorenses

O ambiente que se vivia em Montemor logo após o 25 de Abril é impossível de esquecer: "Montemor acompanhava a revolução. As Festas do Povo em Setembro de 1974 trouxeram-nos milhares de visitantes, a primeira Feira do Livro, o Dia da Criança, os filmes seguidos de debate em que ficavam centenas de pessoas sem lugar no Cine-Teatro Curvo Semedo" recorda.

A Câmara Municipal fornecia materiais e projectos, disponibilizava máquinas e a população construa pontões, condutas e muitas pequenas obras, na memória de Alexandre Romeiras fica "o memorável domingo de trabalho de 6 de Outubro de 1974, voluntários aos milhares limpavam, calaram e construíram por todo o concelho" bem como "a manifestação a seguir ao 11 de Março de 1975 que teve umas 10.000 pessoas na rua em Montemor, com as canções de Abril e os punhos fechados da luta".

Foi lançada uma campanha de alfabetização, com um manual e cartazes elaborados pela autarquia, criou-se a Comissão de Vigilância de Preços e arrendaram-se casas vagas aos candidatos inscritos. A reforma agrária avança.

Sobre estes dias fantásticos afirma "é difícil transmitir, a quem não viveu estes dias de brasa, a alegria, a força, a vontade de mudar e construir dos montemorenses, a esperança no futuro".

Trinta anos depois desses dias de brasa, quando se pretendia que os frutos da liberdade fossem a paz, o pão, a habitação, a saúde e a educação como afirmava o cantor Sérgio Godinho sente-se alguma desilusão nas palavras de Alexandre Romeiras "a saúde é hoje um negócio objecto da gula do grupo Miel. A habitação é comprada pelos jovens pelo dobro do preço razoável, num exclusivo português o analfabetismo aumentou nos últimos anos, por abandono escolar; e a gestão do ensino superior é desastrosa - exportamos estudantes e importamos licenciados.

Só há pão suficiente com trabalho - não com a extinção dos empregos, com os despedimentos com o trabalho precário como regra, com a insegurança social. O sistema (neo-liberal, chamam-lhe) vende-nos hoje o medo e até a guerra outra vez."

Trinta anos depois aquele que foi o presidente da 1ª Comissão Administrativa em Montemor-o-Novo deixa no ar a pergunta: "Que fazer para que a canção (e Abril) se cumpra de novo?"

A conquista do futuro



> A melhoria das estradas e vias do nosso concelho tem sido uma preocupação da autarquia que, ao longo dos anos, tem apostado fortemente na sua pavimentação e cobertura.



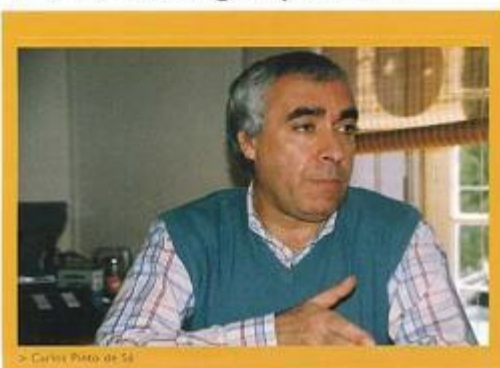
> Loteamento Municipal de Silveiras



> Edifício de Jure de Cortiçadas de Lavre

▶ Diferentes olhares sobre Abril

▶ 25 de Abril de 1974: “Quem não o viveu, não o consegue perceber”



▶ Carlos Pinto de Sá

Em 1974, Carlos Pinto de Sá, actual Presidente da Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, tinha apenas 16 anos. Apesar de jovem, o 25 de Abril e a luta anti-fascista marcou-o profundamente. Embora o presente não seja risonho, o edil bate-se e acredita, embora não dependa somente do Poder Local, que Montemor-o-Novo será um concelho com desenvolvimento sustentável, com emprego de qualidade e qualidade de vida.

Com o 25 de Abril de 1974 o concelho de Montemor-o-Novo deu um salto qualitativo extraordinário, sobretudo nas condições de vida da generalidade da população. Segundo Carlos Pinto de Sá, “estes 30 anos significaram para o concelho e para a população um salto de grande importância, porque essa melhoria não se traduziu apenas nas vantagens para um grupo mas para toda a população”.

Apesar disso, “se por um lado registamos como positivo o enorme salto dado, por outro lado, temos que registar como negativo, a situação em que continua a existir uma polarização da riqueza num pequeno grupo de privilegiados em detrimento da maioria da população”. Para o autarca, isto deve-se ao facto de, “após o período revolucionário, terem sido retomadas políticas de discriminação negativa dos que têm menos rendimentos, o que se tem traduzido, infelizmente, no agravamento do desequilíbrio social”.

A Revolução foi travada

Quando chegamos a 25 de Abril de 1974 a situação era profundamente desequilibrada e a grande maioria da população vivia de forma miserável. Aliás, de acordo com Carlos Pinto de Sá, “foi por isso que o concelho

nas duas décadas que antecederam a revolução perdeu um terço da população, pois as pessoas viram-se obrigadas a fugir em busca de melhores condições de vida”. O que era um facto é que não havia emprego, “a maior parte das pessoas trabalhava apenas 3 a 4 meses por ano, com salários baixíssimos, não existiam quaisquer direitos sociais e económicos dos trabalhadores”. O que havia era “um regime perfeitamente autocrático em que, sobretudo os grandes proprietários de terras, determinavam as vidas das pessoas”.

Embora muito se tenha perdido entretanto, há uma vitória inquestionável da revolução de Abril: “a dignificação daqueles que eram tratados como se não tivessem dignidade, ou seja, a grande maioria da população”. A revolução foi travada num determinado momento, afirma o autarca montemorense, “voltaram-se contra ela forças imensas, sobretudo, de quem tinha interesses económicos poderosíssimos que estavam a ser afectados. Essa gente reagiu com violência a esse processo de democratização, não apenas política mas também económica, porque eles eram os possuidores e estavam a perder as suas propriedades, o seu poder”.

Este é um processo que tem a ver “com um processo contra-revolucionário que foi desencadeado sobretudo a partir de 1975/76, e que hoje nos traz a uma sociedade que tem uma filosofia de injustiça social”, salienta Carlos Pinto de Sá.

“Se é verdade que temos uma democracia, esta é mitigada em termos globais porque não é uma democracia económica, o que se tem traduzido no agravamento relativo das condições de vida da maioria da população”. O Presidente da Câmara comprova esta afirmação recorrendo a dados estatísticos que dizem que, neste momento, “10% dos portugueses possuem mais de 50% da riqueza que é produzida em Portugal, e estes são números que são muito próximos daqueles que se verificaram antes do 25 de Abril”. Carlos Pinto de Sá conclui dizendo que, “em termos de distribuição de riqueza, após um período em que assistimos a uma significativa democratização económica e introdução de justiça social, se recuou significativamente, e a tendência é para um agravamento dessa situação e não o inverso”.

Obra feita excepcional

O salto gigantesco que Montemor-o-Novo teve após o 25 de Abril até aos dias de hoje, também se verifica com projectos e obras que se foram realizando no concelho.

O Presidente da Câmara Municipal salienta aqueles projectos que foram prioridade e que satisfizeram de forma positiva as necessidades fundamentais mais prementes. Como prioridades as Câmaras Municipais anteriores definiram, e na perspectiva de Carlos Pinto de Sá bem, a satisfação das necessidades básicas das populações. Foi disso exemplo o abastecimento de água, o saneamento básico, os caminhos, a electrificação, o acesso à cultura e educação e a melhoria das condições de vida. “Essa prioridade dada às necessidades básicas, num período em que era extraordinariamente difícil responder positivamente a esse tipo de situações, foi complicado porque não havia verbas suficientes”, esclarece o autarca. Carlos Pinto de Sá recorda que “a então vila de

Montemor só tinha água numa parte da vila e apenas algumas localidades tinham água, tal como não havia electrificação em cerca de 90% do concelho”.

O Presidente de Câmara sublinha que “muita coisa existe que seria bom ter sido feita, mas que não foi possível fazer. Não se completou, por exemplo, toda a rede de saneamento básico”. No entanto, o autarca refere-se a zonas onde legalmente não é obrigatório as Câmaras Municipais resolverem o problema, como é o caso das Fazendas do Cortiço, onde se está a fazer o plano de Saneamento Básico.

Chegar a um patamar ideal é a meta de todos, apesar disso existem sempre entraves. Carlos Pinto Sá refere que Montemor, bem como outros concelhos, “foram penalizados por terem sido inovadores e pioneiros nesta área. Nalguns Quadros Comunitários de Apoio foram definidos critérios em que quem tinha uma cobertura maior de saneamento básico não tinha direito a essas verbas”.

O autarca, para finalizar esta ideia, assegura que, se quiséssemos fazer um balanço destes 30 anos, “olhando os recursos que estavam disponíveis e aquilo que foi construído, a obra feita é excepcional”. E isto só foi possível porque, para além dos recursos financeiros, “em muitos casos, sobretudo naquele período após o 25 de Abril, houve uma intervenção enorme da população, que se empenhou para a resolução dos seus problemas, inclusivamente, muitas estradas, muito saneamento básico, foi feito com trabalho voluntário da população”.

Poder Local: Uma importante conquista do 25 de Abril

O Poder Local foi uma das mais importantes conquistas do 25 de Abril e, neste momento, “é aquela que é mais visível, uma vez que outras conquistas foram destruídas”, Carlos Pinto de Sá diz propositadamente “destruídas e não que entraram em falência, isto porque, como é o

caso da Reforma Agrária e do sector público empresarial, estes foram destruídos”.

Com o 25 de Abril procedeu-se, pela primeira vez, à democratização profunda de toda a estrutura local do poder do Estado. Esta é uma questão absolutamente excepcional, menciona o autarca montemorense, porque “anteriormente as Juntas de Freguesia e as Câmaras eram nomeadas”. Portanto, “a grande conquista em termos de democratização do Estado é claramente o Poder Local. Este passou a ser eleito directamente pelas populações e a responder directamente às populações”.

Este Poder Local surge com características próprias, enumerando Carlos Pinto de Sá as mais importantes: a eleição directa dos órgãos, a Proporcionalidade, o Multiparidarismo e o elevado número de eleitos por eleitor. E foram estas características, profundamente democráticas, inovadoras na Europa Ocidental, “que permitiram a Portugal dar o salto que deu em termos de Poder Local”. Para o demonstrar, o Presidente de Câmara, recorre mais uma vez aos números que nos dizem que, “em 2002, com 10% da despesa, o Poder Local assegurou 18% do emprego público e 46% do investimento público. Estes são números terrificos para o Poder Central e demonstram a sua completa ineficiência”.

No presente, o Poder Local Democrático encontra-se numa encruzilhada, visto existirem interesses apostados em fazer recuar a democracia política, uma conquista do 25 de Abril. Isto significa que se “pretende alterar os sistemas políticos, não num sentido de levar a uma maior participação das pessoas mas, para que cada vez mais, a democracia política seja uma mera democracia representativa, sem participação e dominada por quem tem o poder económico”.

A democracia política foi conquistada porque o Poder Local foi conquistado pelas populações, com uma participação enormíssima que, supõe Carlos Pinto de Sá, nunca tenha existido na História de Portugal, ou em poucos momentos terá havido. “Esta Câmara Municipal foi ocupada no 1.º de

▶ A conquista do futuro



▶ Centro Cultural de Cortiçadas de Lareiro



▶ O Parque Urbano de Montemor, inaugurado em 2008, é um espaço de referência que os montemorenses e visitantes já elegeram como local privilegiado de lazer e diversão

► **Diferentes olhares sobre Abril**

Maior de 1974, os fascistas foram expulsos do poder e foi criada, através de um plenário, onde participaram mais de 3.000 pessoas, a primeira Comissão Administrativa Democrática, que iniciou a gestão da Câmara”.

Uma janela de esperança

A história dos povos mostra que há períodos em que as revoluções acontecem e outros períodos em que o povo parece “hibernar”. “Nós tínhamos atingido em Portugal uma situação indescritível, com um poder fascista, autocrático, repressivo, que matava internamente e mandava para morrer nas últimas colónias que existiam em todo o mundo, que servia uma pequena elite de portugueses que eram os beneficiários dessa ditadura. A grande maioria do povo português vivia deploravelmente, o país era miserável, isto é, tínhamos atingido uma situação de completo apodrecimento do país, das instituições, e isso traduzia-se na vida do cidadão”.

De acordo com Carlos Pinto de Sá “o 25 de Abril abriu uma janela de esperança”. O 25 de Abril que, em rigor, foi um golpe militar, transformouse de imediato numa revolução devido à participação popular: “Estes são períodos únicos da história, muito pontualizados”.

Infelizmente, segundo o autor, “no presente, em termos nacionais e mundiais, vivemos um momento de profundo recuo, até de algumas conquistas da humanidade. Esse recuo é social, económico e até do ponto de vista da própria democracia, sobretudo nos países que costumam ser apontados como sendo o supra-sumo da tradição democrática, como são os Estados Unidos. Esta situação origina o agravamento das condições de vida e dos desequilíbrios sociais. No mundo, hoje, aumentou significativamente o desequilíbrio social, e a

tendência é para continuar a aumentar. Neste momento o fosso existente entre os mais pobres e os mais ricos já quase duplicou”.

Carlos Pinto Sá julga que, “quem hoje dirige o mundo tem a ideia que pode continuar a arrecadar grandes benesses económicas mas, como é óbvio, tal como outros momentos da história mostraram, estas situações têm um fim. Não sabemos quando será essa ruptura, certamente não será no imediato nem nos tempos mais próximos, mas haverá um momento em que o povo, depois de um período de adormecimento, voltará a impor os seus direitos”.

O Presidente de Câmara teve essa experiência única que foi o 25 de Abril, que o marcou a ele e à sua geração e refere que, “quem não viveu não consegue perceber que a profundidade da transformação democrática do 25 de Abril foi algo excepcional”.

A vitalidade da Revolução

Comemorar os 30 anos do 25 de Abril demonstram a sua vitalidade. “É espantoso que, apesar de já terem passado 30 anos, a Revolução de Abril ainda se comemore com esta força”.

Uma das ideias que são fruto do 25 de Abril é a ideia de Liberdade. Esta está profundamente cimentada, mesmo nos mais jovens. “Pode-se dizer que quem tem 30/35 anos não viveu o 25 de Abril, ou pelo menos não o reconhece mas, apesar disso, a ideia de Liberdade está profundamente enraizada”.

Ao comemorar os 30 anos do 25 de Abril, “devemos fazê-lo tendo em conta essas experiências históricas, com capacidade para construir um futuro mais justo, com a certeza de que a situação actual que vivemos não é imutável. Pode parecer que as coisas estão muito mal,



► Montemor é uma cidade cada vez mais bonita onde os arranjos exteriores são preocupação permanente da autarquia



► Arranjos exteriores no Largo Machado dos Santos

que isto não tem solução, que esta ofensiva contra os direitos sociais, económicos, entre outros, é avassaladora, que há uma super potência imperial que domina o mundo. No entanto, existe a certeza de que nada é eterno, e isto é uma das lições do 25 de Abril". Ainda assim, para que haja mudança, "tem de haver capacidade de organização, de intervenção e o ambiente para florescer essa força popular que levou à revolução".

Desenvolvimento Sustentável e Qualidade de Vida

Montemor e o Alentejo estão confrontados actualmente com uma situação extraordinariamente difícil. "As estatísticas do I.N.E., com projecções para a população portuguesa até ao ano 2050, no seu cenário mais pessimista, dizem que o Alentejo vai perder 48% da sua população".

Carlos Pinto de Sá, apesar disso, não deixa de manifestar o seu optimismo. "O Alentejo pelas suas características tem imensas potencialidades que lhe permitem vir a ser uma região mais desenvolvida, que sustenta a sua população e que fornece uma qualidade de vida incomparável. Mas temos estado submetidos a políticas do Poder Central profundamente desequilibradoras do território e penalizantes para o Alentejo".

A manter-se esta opção por políticas de litoralização, levadas a cabo por sucessivos Governos, nomeadamente a partir de 1976, "no ano 2050, 80% da população portuguesa está no litoral. Se esta politica cega continuar, vai-se aprofundar o desequilíbrio, com a maioria da população centrada nas zonas litorais, sem qualidade de vida, com



> Inaugurado em julho de 2002, o novo Pavilhão Gimnodesportivo de Montemor, com uma lotação de 1000 lugares, reúne condições óptimas para a prática e incremento das actividades desportivas.

problemas gravíssimos de marginalização, segurança e exclusão propositada".

Embora a tarefa não seja fácil, o autarca acredita que o futuro do Alentejo e de Montemor pode ser outro, desde que "os alentejanos tenham capacidade para consensualizar posições e fazer-se ouvir perante o Poder Central e Bruxelas, no sentido de exigir os recursos a que têm direito, para garantir uma melhor justiça social. Mas também depende das políticas que forem adoptadas pelo Poder Central e aí o que nos cabe fazer é denunciar a situação e lutar para que essas políticas sejam alteradas".

Olhando para o concelho de Montemor, Carlos Pinto de Sá vê um conjunto de mais valias muito significativas e, mesmo tendo em conta as políticas de litoralização, "este é um concelho que, dentro do Alentejo, é dos que tem maiores potencialidades". No topo destas o Presidente de Câmara destaca a sua localização geográfica.

O que precisamos então é da "diversificação da nossa base económica, reforçando o que tem sido feito nos últimos anos, que é ter uma economia onde vários sectores vão investindo. Claramente o sector dos serviços, visto de uma forma abrangente e diversificada, é aquele que vai aumentar mais e que tem mais potencialidades, podendo-se englobar aqui desde o turismo à chamada economia social". Outra aposta que Carlos Pinto de Sá defende é a existência de uma base industrial. "Precisamos de uma indústria transformadora, sobretudo ligada a produtos aqui da zona".

Neste ponto de vista Montemor está no bom caminho, "temos andado muito lentamente mas temos andado. Na última década, apesar de terem sido destruídos 1.100 postos de trabalho na agricultura, e contra as expectativas de alguns, criámos 1.700 postos de trabalho, ou seja, surgiram mais 600 postos de trabalho líquidos, feito que não aconteceu na maioria dos concelhos".

Este feito acontece, e é importante sublinhar isto, "sem qualquer ou com muito pouco apoio do Poder Central, ou seja, não veio para Montemor nenhuma empresa por iniciativa do Poder Central. Pode-se dizer com alguma justiça que o que foi feito na última década foi, sobretudo, através da nossa capacidade endógena".

Por outro lado, "Montemor tem de apostar num desenvolvimento equilibrado onde há um conjunto de vectores que são fundamentais, como por exemplo o vector económico (porque as pessoas têm de ter emprego e rendimentos para se fixarem); a cultura (uma aposta que nestes últimos anos se começa a aperceber que dá frutos e é boa para Montemor); e o vector ambiental com a qualidade de vida (porque queremos um desenvolvimento com qualidade de vida para as pessoas).

A aposta basilar no futuro é "um concelho desenvolvido de forma sustentável, com emprego de qualidade mas, sobretudo, com qualidade de vida". Para Carlos Pinto de Sá, esta missão, "sendo difícil, não é impossível, e estamos a bater-nos por isso. Montemor tem condições

► Diferentes olhares sobre Abril

para alcançar esses objetivos, porém, que fique claro, não depende apenas do Poder Local”.

Imagens que ficam...

É impossível para este montemorense escolher apenas só uma imagem marcante que guarda do 25 de Abril. Ainda assim, tentando ser selectivo, Carlos Pinto de Sá, escolheu quatro imagens.

As duas primeiras imagens são anteriores ao 25 de Abril. “Por volta de 1969, quando houve uma farsa eleitoral, a casa dos meus pais foi a sede da oposição aqui em Montemor. Um dia fui com ele visitar uma pessoa que estava a colaborar com a oposição, um trabalhador agrícola que vivia no campo. Entrei na casa desse trabalhador, uma casa muito modesta e, embora impecavelmente limpa e caiada, fiquei extremamente chocado porque o chão era de terra. Outra imagem que tenho tem a

ver com a instrução primária. Muitos dos meus colegas iam para a escola descalços e levavam para comer um côdea de pão. A professora para obviar aquela situação dramática, juntava tudo aquilo que cada um trazia numa mesa e os alunos comiam todos juntos”.

No pós 25 de Abril há, de facto, uma imagem que ficou marcada na memória do actual Presidente da Câmara de Montemor: “Foi a imagem do 1.º de Maio e a recepção ao António Gervásio, que tinha sido libertado de Caxias. Nunca tinha visto nem nunca mais vi tanta gente reunida, a Praça da República estava completamente cheia e as ruas à volta também”.

Para terminar, relembra uma imagem que é também uma vivência excepcional que ficou de 1975/76 - “a generosidade de toda a população. Era uma coisa que sentíamos no dia a dia, em cada a acção, a arranjá-los uma rua, a construir um caminho, a colher tomate numa cooperativa. A generosidade estava na rua, estava nos corações”.





> São dezenas de milhares de utentes que anualmente se divertem nas Piscinas Recreativas Municipais, um sonho antigo alcançado em 2001 e que muito prestigia o nosso concelho.

► “O Poder Local foi uma das grandes conquistas de Abril”



> Agostinho Petronilho Simão

Agostinho Petronilho Simão nasceu na vila alentejana do Torrão em Dezembro de 1954.

Viveu o 25 de Abril de 1974, mesmo no centro dos acontecimentos, vivia então na Baixa de Lisboa, e desse dia, bem como dos dias que se lhe seguiram guarda imagens inesquecíveis. Actualmente vive em Montemor-o-Novo, onde desempenha as funções de Delegado de Saúde e exerce as funções de vereador na Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, eleito pelo Movimento Cívico Pró-Montemor.

Boletim Municipal - *O Poder Local foi uma das maiores conquistas de Abril. Trinta anos passados como é que olha hoje para o Poder Local?*

Agostinho Petronilho - O Poder Local foi realmente uma das grandes conquistas do 25 de Abril e a base de um dos três D's, - Desenvolvimento, Descolonização e Democracia - é a base do sistema democrático que temos. O 25 de Abril permitiu que houvesse a formação de partidos políticos, a legalização de partidos que estavam na clandestinidade e para além das forças partidárias que tiveram acesso e concorreram ao Poder Local e têm desenvolvido a sua actividade. Nas últimas eleições, em 2001, pela primeira vez foi permitido que grupos de cidadãos se formassem e pudessem concorrer à Câmara e à Assembleia Municipal. Até então, só o poderiam fazer a nível das Assembleias de Freguesia. Foi um passo em frente para os cidadãos para de uma forma mais activa desenvolverem, manifestarem e concretizarem a tal palavra que é a cidadania. Em Montemor, fui eleito por um grupo de



Diferentes olhares sobre Abril

cidadãos que concorreu aos órgãos autárquicos do concelho, temos representantes em todas as Assembleias de Freguesia, dois presidentes de Juntas de Freguesia, dez elementos na Assembleia Municipal e três vereadores na Câmara Municipal. Esta parte do poder autárquico está relacionada com a questão da Democracia e também está relacionado com outro D, o do Desenvolvimento. O poder autárquico não há dúvida que deu uma reviravolta no País, em termos de desenvolvimento em todas as áreas, na questão das infra-estruturas, da fixação de empresas, etc. Acho que estamos no bom caminho, temos que aprofundar esta democracia, os cidadãos têm que participar mais e com a sua maior participação o regime democrático ganhará para além de uma pluralidade, uma grande consistência.

B.M. - *Como define a comemoração dos 30 anos de Abril no actual contexto em que vivemos?*

A.P. - Eu considero-me um privilegiado por ter vivido esse momento histórico. Nós temos 900 anos de história e um momento como o 25 de Abril, se analisarmos a nossa história só temos mais dois, três períodos assim tão marcantes. Eu na altura tinha 19 anos, vivia em Lisboa, e vivi o 25 de Abril muito intensamente. Foi um dia em que sonhei autenticamente a liberdade. Andávamos a levantar, na expectativa, ainda mais porque na minha família, como acontecia em muitas outras, tinha um irmão mais velho na guerra, na Guiné e tinha um outro já na tropa, a guerra colonial era o espectro mais tenebroso para todos nós. A questão das comemorações tem todo o sentido, no caso da minha geração e das novas gerações porque independentemente da filosofia política que cada pessoa possa ter, é um virar de página muito positivo para o nosso país em todos os domínios, das liberdades e do desenvolvimento económico, por isso temos a obrigação de comemorar esta data e manter a "chama", para passarmos o testemunho às gerações vindouras.

B.M. - *A grande maioria dos portugueses foi afectada pelo fascismo. Como é que a sua vida naqueles 19 anos foi prejudicada?*

A.P. - A minha vida como a de todos os portugueses foi prejudicada. Era um regime totalitário, de "partido" único, com características fascistas em que não havia qualquer tipo de liberdade, que teimava em manter uma guerra colonial contra tudo e contra todos. O País estava fechado, gastava-se mais de 1/3 do orçamento do Estado com a guerra, enquanto o País vivia no analfabetismo e miséria, com milhares de mortos e muitos mais deficientes resultantes dos ferimentos em combate. Analisando a história política dos povos, verificamos que nos países de "partido" único sem liberdades de expressão, de associação, religiosa, com julgamentos sumários e com prisões políticas, o desenvolvimento apresenta índices muito inferiores ao verificado nos regimes democráticos, nas várias áreas desde a economia social

à cultural. Com o 25 de Abril veio a liberdade de expressão, de associação política, o fim da guerra colonial, a consagração do respeito pelos direitos dos cidadãos, a democracia.

B.M. - *Teve oportunidade de viver o 25 de Abril, e compartilhar aquele sonho. Houve certamente expectativas criadas. Quais foram as expectativas criadas e que ao longo destes 30 anos não se concretizaram?*

A.P. - Nestes 30 anos que representam uma grande faixa na vida das pessoas, mas que para o País é um pequeno capítulo, o nível e a qualidade de vida dos Portugueses melhorou incomparavelmente, apesar da necessidade de reformas de modo a conseguirmos atingir a média da União Europeia. Queria no entanto realçar duas áreas em que devemos e podemos fazer mais, que são as políticas sociais e a educação. Em termos sociais fomos há poucos dias confrontados com a notícia de que 200 mil portugueses passam fome. Este indicador envergonha-nos a todos, pois temos recursos para implementar políticas sociais às pessoas mais carenciadas, permitindo-lhes uma vida mais digna, para além da satisfação das necessidades básicas. Ainda na área social queria também referir que apesar de já termos resolvido uma grande parte do problema, ainda nos falta outra grande parcela de habitação condigna para todos os portugueses. No que respeita à educação, apesar dos avanços conseguidos, ainda não tivemos a arte e o engenho para estruturar um sistema educativo que satisfaça as necessidades do País. Os nossos dirigentes terão que se entender num pacto de regime que permita a concretização de uma política educativa que não mude cada vez que há eleições. A educação é a grande sementeira para o desenvolvimento de qualquer país, se o investimento e o trabalho não forem os melhores, os resultados serão sempre maus ou medíocres. Temos o caso da Irlanda, nosso parceiro na União Europeia, que fez um pacto de regime, implementou novas políticas educativas, e no esforço de pouco mais de uma década, mudou completamente o seu desenvolvimento, sendo dos países europeus que mais tem crescido nos últimos anos.

B.M. - *Os dias que se seguiram ao 25 de Abril foram dias de euforia e de muita alegria. Qual é a imagem mais forte que ficou na sua memória?*

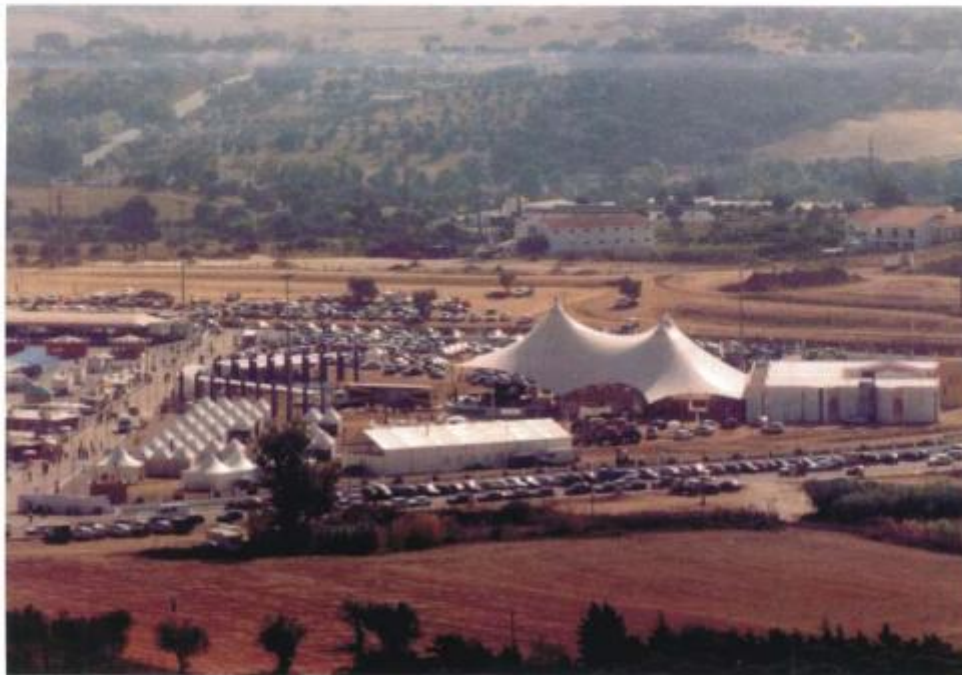
A.P. - Tenho várias imagens muito fortes. Na altura, vivia em Lisboa, no centro dos acontecimentos, vivia na Baixa. Quando se deu o 25 de Abril, quando cheguei ao emprego é que soube da notícia. Para voltar para casa já tive alguns problemas, a Baixa estava praticamente isolada. Aquele momento determinante que se passou na Rua do Arsenal em que esteve muito perto de um dos oficiais que estava leal ao regime disparar. Se ele disparasse e se o Capitão Salgueiro Maia não tivesse tido uma atitude firme, não sei como é que a situação teria evoluído. Outro momento



foi no Quartel do Carmo, quando saíram Marcelo Caetano e Américo Tomás. No dia 26, nunca mais esqueço a libertação dos presos políticos em Caxias. Foi indescritível a emoção e a comoção vivida nessa tarde e princípio de madrugada quando se aguardava a libertação de todos os presos políticos. Um dia que não esqueço! Outro momento de euforia, sentido muito intensamente na minha família foi o anunciado fim da guerra colonial com a independência das colónias. Praticamente todas as famílias tinham alguém na guerra, e o meu irmão mais velho estava na Guiné há mais de dois anos. Vivemos momentos de grande alívio mas também de impaciência pelo seu regresso que só aconteceu em Junho. Por último, outro momento igualmente inesquecível foi o 1º de Maio com toda a gente na rua, unida nas esperanças e nas expectativas. Foi o culminar de uma semana inesquecível. Naqueles dias nós víamos tudo multicolor e conjecturávamos com muita esperança o futuro num regime democrático.



» Lar de Idosos de Cabrela



» Parque de Exposições de Montemor

Diferentes olhares sobre Abril

“A tónica principal do 25 de Abril é a conquista da Democracia”



► Patrícia Inês Mira Seatra

Patrícia Inês Mira Seatra nasceu em Agosto de 1975, mais de um ano após o 25 de Abril. Licenciada em Direito ganhou desde cedo o gosto pela política e é desde 1998 eleita pelo PSD na Assembleia Municipal de Montemor-o-Novo.

Para as gerações mais novas, aquelas que não tiveram o privilégio de viver aqueles dias intensos da Revolução, parece ser difícil passar toda a mensagem e o simbolismo que encerra o 25 de Abril. Há os que preferem “passar ao lado” e dela apenas usufruem os seus “frutos”: a liberdade, de que tanto precisam e desejam e dão-na como se fosse desde sempre um valor adquirido. Outros há que vão mais fundo, que entendem e a saboreiam com um paladar diferente, entendem o que custou a liberdade, o que significa em pleno significado a palavra Democracia, e fazem dela o seu exercício diário. É o caso de Patrícia Seatra, não viveu o 25 de Abril, mas tem presente a importância do papel que ele tem na sua vida e afirma que “as comemorações dos 30 anos do 25 de Abril deveriam ter um papel importante na análise que as camadas mais jovens deveriam fazer sobre o acontecimento. Os jovens deveriam estar muito mais virados para essas questões, para poderem dar uma continuidade. Apesar de não terem vivido o 25 de Abril, se tiverem interesse podem documentar-se, procurar saber mais quanto mais não seja por uma questão de cultura por que isso faz parte da nossa identidade como portugueses”.

Considera um risco definir o 25 de Abril com uma expressão, dada a sua importância e a sua abrangência, daí o colocar a tónica principal na conquista da Democracia, porque daí “advém toda uma sequência de aspectos muito positivos em relação às questões da liberdade de pensamento e de actuação”. Em relação ao Poder Local Democrático afirma que foi uma das conquistas importantes de Abril e apesar de ser eleita da Assembleia Municipal refere que “a sua experiência não é ainda muito rica em termos de vivências” e sublinha a importância “das pessoas preconizarem os princípios do próprio sistema democrático que emanou do 25 de Abril. Uma das formas de o poderem fazer é representarem-se no Poder Local”. No entanto diz que “às vezes devia-se estabelecer

um limite entre aquilo que podemos reivindicar livremente enquanto inseridos num regime democrático e aquilo que provavelmente não teríamos tanta legitimidade para o fazer, porque não contribuimos para isso”. É eleita na Assembleia Municipal “por gosto, tendo sempre presente a ideia de que é possível aprender muito mais com a experiência de todos aqueles que sabem muito mais do que nós”.

Questionada sobre se a imagem que hoje existe sobre os políticos e o exercício da política em geral não servirá para desmotivar as pessoas para uma participação mais activa refere que “de facto não é fácil as pessoas reverem-se muito nos sistemas políticos que têm atravessado a nossa história e na nossa política. Se as pessoas não fizerem um esforço para tentarem essa aproximação mais que não seja por uma questão de conhecimentos nunca vão poder ter nada de palpável nem de objectivos concretos” e sustenta que “é necessário pensar numa revolução mais no campo ideológico para permitir que as pessoas participem de uma outra forma na vida política”.

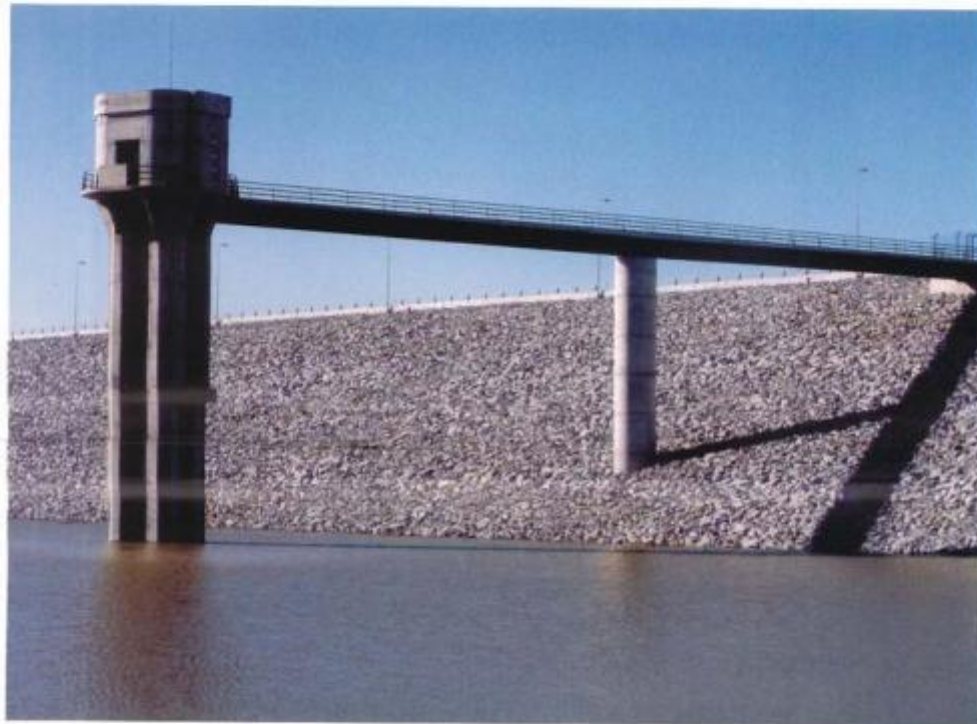
Patrícia Seatra olha para o concelho de Montemor-o-Novo como tendo tido uma evolução positiva nos últimos 30 anos, apesar de referir que não se pode ver o concelho desligado do resto da região onde está inserida e afirma que “a realidade municipal deve ser olhada de forma separada da questão do Poder Central, porque as realidades são outras” e considera que o concelho “pode vir a ser um exemplo de dedicação aos municípios e fazer aquilo que enquanto Poder Local lhe compete, isto é, servir mais e melhor a população montemorense”.

Sobre o motivo que a terá incentivado para a política, responde que “foi um processo natural. É uma forma de estar” e assume que está na política para “aprender com aqueles que lhe merecem respeito, nomeadamente quem tem capacidade de gerir o Poder Local” que define como, “pessoas dotadas de uma capacidade de excelência”. Para si o objectivo da política “é servir mais e melhor as pessoas com justiça social. Se as pessoas puderem usufruir de melhores condições sociais podem começar a olhar as coisas de uma forma diferente”. Ainda em relação às comemorações dos 30 anos da Revolução diz que a data deve ser assinalada da melhor forma possível e que todos deveriam participar; uma vez que o 25 de Abril permitiu uma melhoria generalizada da vida do povo português, o principal protagonista da Revolução.

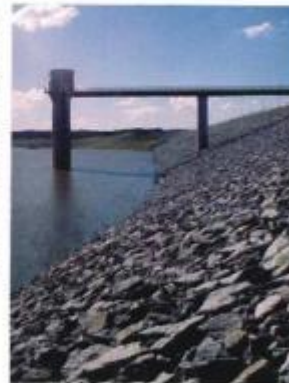


► Recolha selectiva de lixo em todo o concelho implementada em 2004

Entrevista



Foram décadas de espera e de luta dos montemorenses para que a Barragem dos Minutos finalmente visse a luz do dia em Fevereiro de 2002. Falta que a Barragem seja declarada de abastecimento público de água para consumo humano, outra aspiração por concretizar:



05/04

Diferentes olhares sobre Abril



>25 de Abril de 1976 em Montemor-o-Novo

J. Chagas

Contactos úteis

Gabinete de Documentação e Informação
Tel. 244 898 100
Fax 244 898 134
E-mail: gdi@cm-montemor.pt

Gabinete de Apoio ao Presidente
Tel. 244 898 102 - 104 - 106
Fax 244 898 190
E-mail: ga@cm-montemor.pt

D.A.T. - Divisão de Administração Financeira
Tel. 244 898 100
Fax 244 898 190
E-mail: dat@cm-montemor.pt

D.A.U. - Divisão de Administração Urbana
Tel. 244 898 101 (Apoio Administrativo)
Fax 244 898 190
E-mail: dau@cm-montemor.pt

D.O.S. - Divisão de Obras e Saneamento
Tel. 244 898 103 (Apoio Administrativo)
Fax 244 898 190
E-mail: dos@cm-montemor.pt

D.A.S.U. - Divisão de Administração de Serviços Urbanos
Tel. 244 898 100 - Ext. 507
Fax 244 898 190
E-mail: dasu@cm-montemor.pt

D.S.C. - Divisão de Serviços Culturais
Tel. 244 898 107 (Apoio Administrativo)
Fax 244 898 190
E-mail: ds@cm-montemor.pt

ficha técnica

Bolém Pinheiro & Associados
Estúdios Gráficos Pinheiro
R. São Tiago, 42 - 2000-001 Évora

Coordenação Editorial e Redacional
Gabinete de Documentação e Informação (GDI)
Luís Filipe do Carmo
2000-001 Montemor-o-Novo
Tel. 244 898 100
Fax 244 898 190
E-mail: gdi@cm-montemor.pt
Site: www.cm-montemor.pt

Composição Gráfica
Público Design - Associação Portuguesa de Design Gráfico

Ilustração Gráfica
Rafael Alves Gráfico LDA

Deposito Legal
57 3405/00
034 747001 42214

Tiragem
1 000

Publicidade
Típica

Foto de Capa
23 de Abril de 1976
em Montemor-o-Novo
Fotografia de J. Chagas